

## ROBERTO DAMATTA



SEGUNDA-FEIRA  
LÚCIA GUIMARÃES  
VANESSA BARBARA

TERÇA-FEIRA  
ARNALDO JABOR

QUARTA-FEIRA  
ROBERTO DAMATTA

QUINTA-FEIRA  
LUIS FERNANDO  
VERISSIMO

SEXTA-FEIRA  
IGNÁCIO DE LOYOLA  
BRANDÃO  
MILTON HATUOM

SÁBADO  
MARCELO RUBENS  
PAIVA  
SÉRGIO AUGUSTO

DOMINGO  
VERISSIMO  
HUMBERTO WERNECK  
FÁBIO PORCHAT

## Depende...

“O Brasil está na idade da trâmela!”, dizia um grande intelectual. Tendo estudado nos Estados Unidos e lá, como dizia Monteiro Lobato, fora lapidado, pois jamais rejeitara o seu lado brasileiro o qual foi ironicamente intensificado na convivência por contraste com o que àquela época, chamava-se de “países adiantados”, ele era capaz de enxergar o que todo mundo simplesmente via como as nossas arqueológicas trâmelas.

Quem saiu do Brasil para as “europa” ou “américa” até os anos 60 (como foi o meu caso), ficou espantado com a ausência das “trâmelas” e das gigantescas chaves de ferro; esses instrumentos dos superiores que permitiam abrir ou fechar portas, cadeias, porões, dispensas e gavetas. Esses compartimentos que até hoje são vedados a quem continua a ser tratado como “povo” pois jamais foi lapidado ou visto como cidadão.

Quando visitei os Estados Unidos pela primeira vez, recebi a chave não só do meu modesto escritório mas – eis o susto – a do prédio do famoso Departamento de Relações Sociais da Harvard!

No Brasil, receber essas máquinas “depende”.

O ministro tem a chave de todos os prédios e somente ele abre a sua porta. Nas democracias, todos têm precisamente a chave da porta dos que governam já que presidentes, ministros, governadores, senadores e deputados, servem ao povo. É, pois, do povo a propriedade das chaves!

Não há, nenhum “depende...” a condicionar a transparência. Não existe o famoso, lamentável e onipresente, “eu não sabia” ou a divisão permanente entre “público interno e externo”, rotineiros na ditadura militar e no lulopetismo.

O roubo público, o assalto irresponsável em escala bíblica e pornográfica

aos bens coletivos e à Petrobrás – símbolo de independência econômica que suicidou quem teve honra e foi incesantemente agredida por quem não sabe o significado dessa palavra, continua sujeito ao “depende...”.

Depende de quem. Se foi do tempo deles vale, se foi nessa nossa década de poder, não vale. Na Alemanha nazista

## O ministro tem a chave de todos os prédios e somente ele abre a sua porta

todos os males eram atribuídos aos judeus vistos como agentes de impureza diante da superioridade indiscutível da raça germânica. Os judeus eram o veneno ao lado dos homossexuais, dos ciganos e dos deficientes. Eles conspiravam a “raça superior” – emblemática de uma integração perfeita porque seria biológica entre o indivíduo e a coletividade. Esse problema de todas as nos-

sas antropologias e sociologias que, em geral, leem o indivíduo como algo separado do grupo quando de, fato, seja nas suas formas mais ativas (como na América sem trâmelas) ou brandas, como no Brasil relacional das trancas e frestas, o indivíduo é a expressão de uma cosmologia ou ideologia. A redução individualista é dominante na vida moderna que, conforme sabem alguns, não é, como o jazz, tão moderna assim.

Sem o “depende” não se entende a hipocrisia política dominante. Ela é a chave que abre ou fecha os baús de escândalos que, de tão rotineiros, chegaram ao carnaval, uma celebração aberta a tudo mas hoje manchada pelo financiamento questionável.

Todos nós admitíamos cnicamente o financiamento carnavalesco de estabelecidos “contraventores”. Notem que não usamos a palavra “bandido” para os que se legitimavam como mecenas das escolas de samba. Por meio do carnaval e do até hoje não legalizado “jogo do bicho”, eles eram nossos “heróis-bandidos” ou simplesmente malandros, dentro da ética de ambiguidade que proíbe ou torna reacionário dizer isso “não pode!” ou, o muito mais

sério, “isso eu não faço!” Mas quando uma escola de samba tradicional é financiada por uma ditadura estrangeira, chegamos no fundo do poço porque o “depende” tem desculpa: afinal é (ou era) carnaval.

Ao se despedir, o professor Richard Moneygrand riu de sua profecia segundo a qual o fim do Carnaval, conforme revelei na semana passada, assinalava o fim da ordem brasileira. Mas até mesmo a ordem, para vocês, disse ele, depende...

O “depende”, em paralelo ao “desculpável”, é parte do nosso Direito fundado no Purgatório. Se os extremos e os limites são evitados, como não aceder a filosófica admoestação de batedor de carteira da presidenta Dilma, quando afirma que se a Petrobrás tivesse sido investigada no governo Fernando Henrique Cardoso, toda essa roubalheira teria sido evitada?

E por que não nesses 12 anos de PT? Mas isso seria o questionamento do cronista reacionário que publica mas não é ouvido porque a preferência “depende” de quem fala e não do que dito.

## Arquitetura Lançamentos

## Três livros sobre a arte de edificar discutem de colunas gregas a torres futuristas

Antonio Gonçalves Filho

Três livros que estão sendo lançados simultaneamente por diferentes editoras cobrem todos os períodos de construção do patrimônio arquitetônico da humanidade, desde os assentamentos de caçadores no Oriente Médio neolítico (10.000 a.C) ao Bosco Verticale de Stefano Boeri, floresta vertical plantada em duas torres projetadas em 2014 pelo arquiteto italiano em Milão. O livro que resume essa história chama-se *Tudo sobre Arquitetura* (Editora Sextante) e foi organizado por uma equipe de especialistas sob a supervisão de Denna Jones. O segundo é um clássico que vai completar 20 anos e ganha agora uma edição em português, *A Coluna Dançante* (Editora Perspectiva), do historiador de arte britânico de origem polonesa Joseph Rykwert. Nele, o veterano autor explora o contexto antropológico em que as colunas antigas – pilares de toda a arquitetura ocidental – foram criadas.

Finalmente, *Arquitetura em Diálogo*, publicado pela Cosac Naify, reúne dez entrevistas com arquitetos contemporâneos realizadas pelo especialista Alejandro Zaera-Polo para a revista *El Croquis* nos anos 1990.

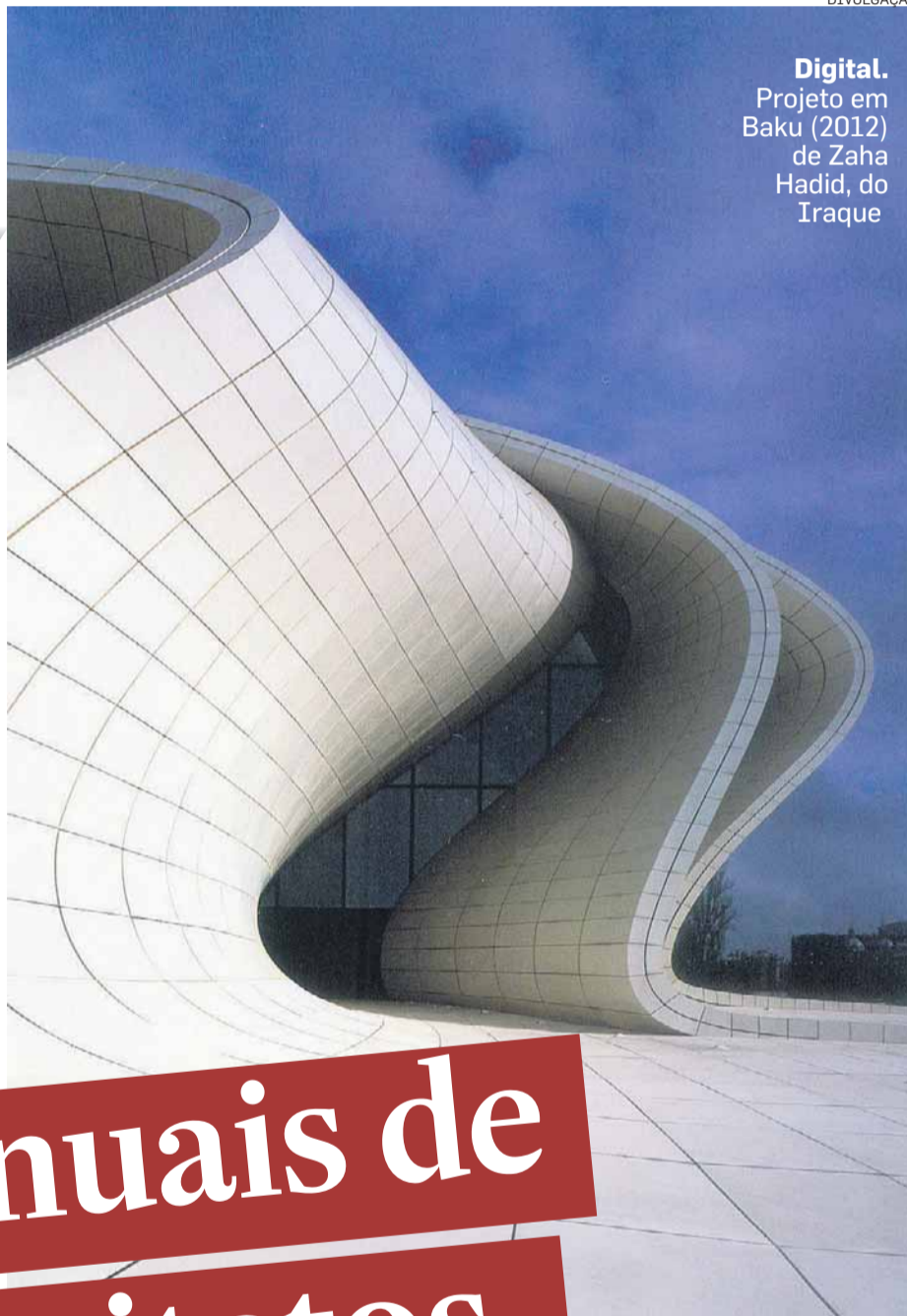
A correspondência entre passado e presente é feita logo no prefácio de *Tudo sobre Arquitetura* pelo respeitado arquiteto inglês Richard Rogers, parceiro de Renzo Piano no projeto do Centre Georges Pompidou (Beaubourg) de Paris. Rogers, na 13ª. Bienal de Arquitetura de Veneza, destacou a torre Guinigi, em Lucca, Itália, construída no século 16, como a concretização do mandamento vitruviano do bem construir. Detalhe: a torre renascentista tem no topo carvalhos frondosos como as árvores do Bosco Verticale de Boeri e a Flower Tower do francês Edouard François, instalada num parque da zona reurbanizada de Hauts Malesherbes, em Paris. O que era um capricho de uma família rica do Renascimento virou um projeto audacioso para fazer crescer o espaço verde urbano nos dias de hoje.

Sem esse diálogo, a arquitetura corre o perigo de se perder. No livro *Arquitetura em Diálogo*, Frank Gehry, o ousado criador do Guggenheim de Bilbao, ad-

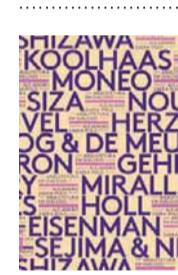


## TUDO SOBRE ARQUITETURA

**Organização:** Denna Jones.  
**Tradução:** André Fiker, Claudio Carina, Débora Chaves e Pedro Jorgensen  
**Editora:** Sextante (576 páginas., R\$ 69,90)

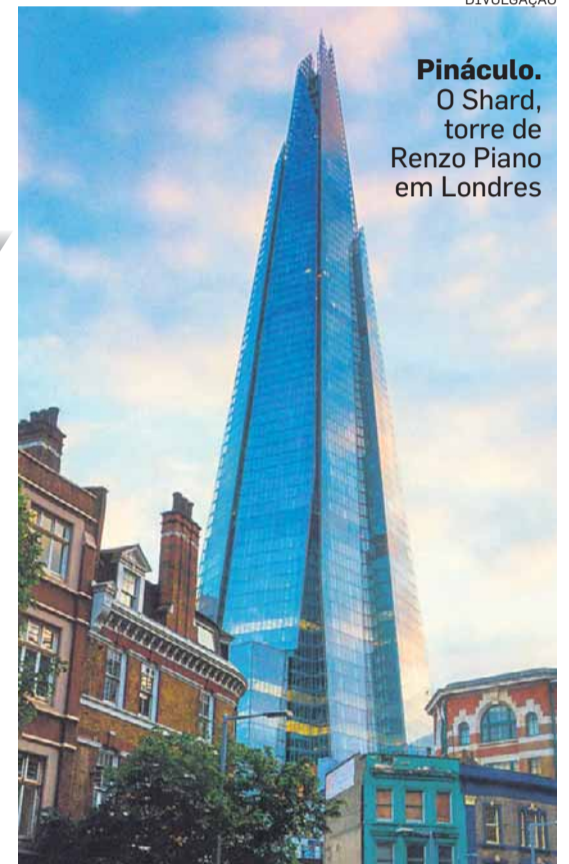


**Digital.**  
Projeto em Baku (2012) de Zaha Hadid, do Iraque



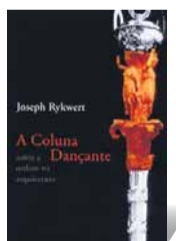
## ARQUITETURA EM DIÁLOGO

**Autor:** Alejandro Zaera-Polo  
**Tradução:** Cristina Fino e Cid Knipel  
**Editora:** Cosac Naify (352 páginas., R\$ 49,90)



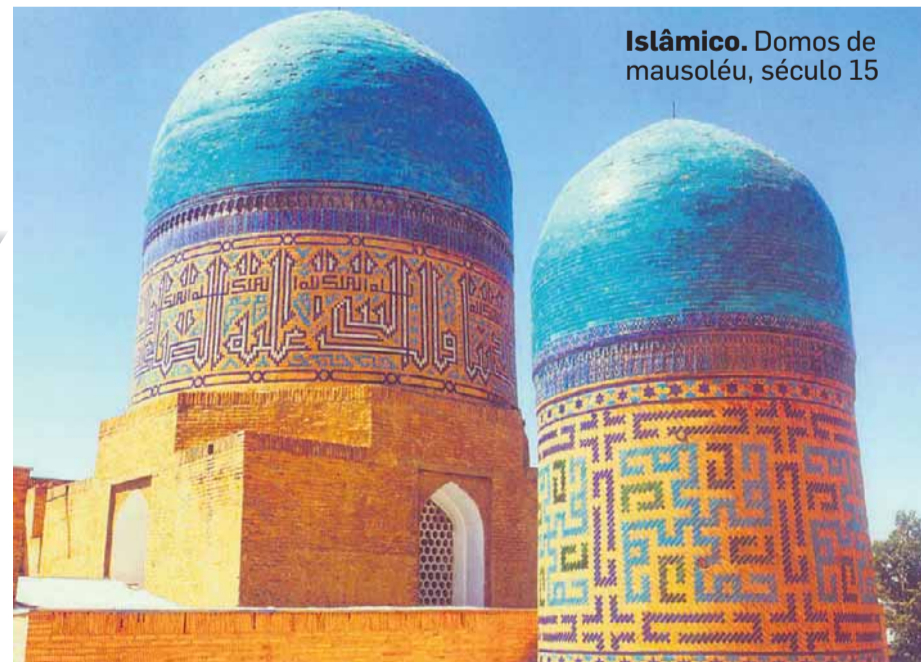
**Pináculo.**  
O Shard, torre de Renzo Piano em Londres

## Manuais de arquitetos



## A COLUNA DANÇANTE

**Autor:** Joseph Rykwert  
**Tradução:** Andrea B. Loewen e outros.  
**Editora:** Perspectiva (488 páginas., R\$ 129)



**Islâmico.** Domos de mausoléu, século 15

mite que pode estar aprisionado ao presente – e, mais especificamente, à “bagunça do presente”, por se recusar a viver fora dele. No mesmo diapasão, o arquiteto norte-americano Peter Eisenman, teórico do desconstrutivismo, cujos projetos desafiam a gravidade e são desaconselháveis aos portadores de labi-

rintite, acha impossível repetir os ícones do passado no presente, porque o Zeitgeist, o espírito de época, é outro.

É interessante notar que Rykwert, autor de *A Coluna Dançante* (1996), pensa exatamente o contrário. Para ele, há muito o que aprender com a arquitetura do passado. Ele, aliás, escreveu

um livro (*The First Moderns*, 1980) que não é só uma bela história de como os modernos se apropriaram de projetos passados, mas o esboço de um estudo seu mais recente (*The Seduction of Place*, 2000), no qual examina a ocupação do espaço urbano pelos contemporâneos.

Entre um retorno à ordem e o

caos preconizado pelos arquitetos japoneses – que, como Sejima, sugerem um desmonte do cânone arquitetônico – Rykwert, naturalmente fica com a ordem, com a coluna e a viga que ainda sustentam parte dos edifícios ocidentais. A grande crise financeira de 2008 não acabou com os projetos delirantes e autorreferentes, mas a palavra sustentabilidade passou a ditar as regras – e a leitura de Rykwert, um entusiasta da “ordem” de Alberti, pode ser bastante oportuna quando se mostra um renovado interesse pela arquitetura humanista. Se os japoneses defendem uma arquitetura caótica para tempos caóticos, o livro de Rykwert sugere uma reinterpretção das metáforas que encerram as colunas dos templos antigos (especialmente os gregos).

Para quem não é especialista, *Tudo sobre Arquitetura* oferece um capítulo inteiro sobre a Grécia antiga, traçando uma linha do tempo que vai do primeiro aqueduto que levou água potável a Samos (c. 580 a.C.) ao Alar de Pérgamo (c. 170 a.C.). O livro é bastante didático ao ex-

plicar que as realizações da arquitetura grega não se restringem aos templos, mas se limita a analisar os pátios dóricos e as colonatas jônicas do ponto de vista técnico. Já Rykwert, em *A Coluna Dançante*, vai além, mostrando as origens dos diversos tipos de colunas e o papel dos templos arquetípicos no projeto de colonização dos gregos.

Obviamente, são duas propostas diferentes. *Tudo sobre Arquitetura* parte da forma para chegar à essência. Para Rykwert, tudo é essência. Assim, projetos como o de Zaha Hadid, como o Heydar Aliyev Center (2012) em Baku, Azerbaijão, reproduzido na foto maior desta página, é descrito no livro como um “bom e ambicioso exemplo” de edifício paramétrico (que faz uso de modelos digitais considerando fatores variáveis como a luz). Rykwert teria analisado de outra forma as relações do edifício de Zaha Hadid com o espaço circundante, levando em consideração a analogia de suas linhas curvas com a tradição iconográfica islâmica. Mas um complementa o outro.